



**Universidade de Brasília**  
**Faculdade de Comunicação**  
**Departamento de Jornalismo**

**Allan Michael Montalvão**

**SEM SINAL**

Uma grande reportagem sobre o mercado de trabalho de telejornalismo para  
pessoas LGBTQIA+

Brasília

2020

Allan Michael Montalvão

**SEM SINAL**

Uma grande reportagem sobre o mercado de trabalho de telejornalismo para  
pessoas LGBTQIA+

Memorial descritivo de produto apresentado à  
Universidade de Brasília como requisito parcial para a  
obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Letícia Renault Carneiro  
de Abreu e Souza.

Brasília

2020

Allan Michael Montalvão

## **SEM SINAL**

Uma grande reportagem sobre o mercado de trabalho de telejornalismo para  
pessoas LGBTQIA+

Memorial descritivo de produto apresentado à Universidade de  
Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de  
bacharel em Jornalismo.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Leticia Renault Carneiro de Abreu e Souza

#### **ORIENTADORA**

---

Prof. Dr. Paulo Eduardo Cajazeira

#### **MEMBRO 1**

---

Prof. Paulo José Araújo da Cunha

#### **MEMBRO 2**

---

Prof. Dr. Elton Bruno Pinheiro

#### **SUPLENTE**

*À todos que gostariam de se ver  
representados.*

## AGRADECIMENTOS

São tantos nomes que me sinto até envergonhado de fazer isso citando alguns e deixando outros de fora. Esse agradecimento é uma representação de agradecimentos por toda a graduação. Já adianto um pedido de desculpas se esqueci algum nome.

Inicialmente, não posso deixar de agradecer minha mãe, meu pai e minha tia por acreditarem na minha escolha de curso – não tão contentes assim –, por me incentivarem a prosseguir e não desistir mesmo sabendo de todas as minhas dificuldades e aguentando minhas reclamações por conta da distância entre casa e universidade (e outras mais). Família, amo vocês.

Tirando o pé da família, mas sem ir muito longe, preciso agradecer a minha maior apoiadora: Camila. Amiga, confidente, professora, inspiração, irmã. Você me acompanha desde o ensino médio e aguentou meus diferentes surtos e frustrações em relação à faculdade, à vida, ao futuro na profissão, às incertezas e, especialmente, em relação à este Trabalho. Não teria chegado aqui sem você. Te amo.

Matheus, eu odeio te amar. Não posso deixar de te agradecer por todos os incentivos, puxões de orelha, conselhos tortos e questionáveis e que, da sua forma, me ajudaram a chegar até aqui. Muito obrigado, não só a você, como a toda sua família que me ajudou em tantos momentos do curso que nem sei como compensar. Espero um dia poder.

Milla, Amanda, Carvalho, Bruna, João, JP, Gomes, Walli, Fábio, Marlon, Muryllo, Tassio, João, Lucas, Matt, Isa, Cris, Ingrid, Dani, Stenio, Iara, Ana, Braian, Carlos, André, Isa, Mariane, Ester, Mariah, Bruna, Débora, Rodrigo, Vivi, Malu, De Moraes... vocês me ajudaram tanto nestes quase cinco anos, se hoje eu sou quem sou, trago um pedaço de vocês comigo.

Veteranos, calouros, amigos de semestre, professores, pessoas que não falo mais... muito obrigado por cada lição.

Espero ter influenciado de alguma forma a todos, assim como vocês fizeram comigo.

“Viver é a coisa mais rara do mundo.  
A maioria das pessoas apenas existe”

**Oscar Wilde**

## **RESUMO**

O presente memorial trata do percurso de idealização, planejamento e produção da grande reportagem sobre representatividade LGBTQIA+ no mercado de trabalho de telejornalismo, intitulada “Sem Sinal”. O objetivo é expor a pouca presença de pessoas LGBTQIA+ neste espaço – as dificuldades enfrentadas por elas, em especial para pessoas trans, e as mudanças necessárias – e a importância de se incluir estas pessoas para que exista uma representatividade de forma plena.

**Palavras-chave:** LGBTQIA+. Mercado de trabalho. Reportagem. Telejornalismo.

## **ABSTRACT**

This current memorandum deals with the conception, planning and production path from the great report about LGBTQIA+ representativeness in the telejournalism, which is called “Sem Sinal”. The goal is to expose the lack of presence LGBTQIA+ people in this area – the difficulties faced by them, specially trans people, and the necessary changes – and the importance of including these people to guarantee full representativeness.

**Key words:** LGBTQIA+. Work Market. Report. Telejournalism.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>– Introdução.....</b>	<b>10</b>
1.1	– Objetivo Geral.....	13
1.2	– Objetivos Específicos.....	13
1.3	– Justificativa.....	14
<b>2</b>	<b>– Homossexualidade: um breve histórico.....</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>– Mercado de trabalho para a pessoa LGBTQIA+ no Brasil.....</b>	<b>18</b>
<b>4</b>	<b>– Pesquisa.....</b>	<b>19</b>
4.1	– Perguntas.....	19
4.2	– Dificuldades.....	20
4.3	– Entrevistados.....	21
4.4	– Reportagem audiovisual.....	25
<b>5</b>	<b>– Considerações Finais.....</b>	<b>27</b>
<b>6</b>	<b>– Referências Bibliográficas.....</b>	<b>28</b>
<b>7</b>	<b>– APÊNDICE A: LOGOTIPO DA VINHETA.....</b>	<b>30</b>
<b>8</b>	<b>– APÊNDICE B: ROTEIRO DA REPORTAGEM AUDIOVISUAL.....</b>	<b>31</b>
<b>9</b>	<b>– ANEXO: MENSAGENS ENVIADAS ÀS EMISSORAS.....</b>	<b>49</b>
<b>10</b>	<b>– APÊNDICE C: LINK PARA A REPORTAGEM.....</b>	<b>50</b>

## 1 – INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo realizar uma grande reportagem sobre os dilemas e questões acerca de ser uma pessoa LGBTQIA+ dentro do mercado de trabalho do telejornalismo brasileiro. A pergunta que move esta investigação jornalística audiovisual é: ser LGBTQIA+ afeta suas oportunidades e experiências no mercado de trabalho do telejornalismo brasileiro?

Antes de mais nada: o que cada letra da sigla LGBTQIA+ representa? Inicialmente, a sigla para representar pessoas homoafetivas era a simples GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes). Conforme os anos foram passando, as questões que permeavam os membros da sigla foram sendo compreendidas, fez-se necessária uma evolução. O ‘S’ seria retirado, uma vez que ele se refere aos héteros, que não precisam de representatividade na sigla. A mudança de local entre o ‘G’ e o ‘L’ se deu para a maior visibilidade das causas lésbicas dentro da sigla – uma vez que o protagonismo sempre foi feito por homens gays. As demais letras foram adicionadas conforme os estudos eram feitos, as identificações dessas pessoas eram entendidas e, hoje, temos uma sigla que, até então, representa a todos. O ‘L’ e o ‘G’ já sabemos qual grupo de pessoas representam. O ‘B’ representa as pessoas bissexuais, isso é que sentem atração afetivo-sexual por homens e mulheres. A partir do ‘T’, a sigla passa a dar local não somente às orientações sexuais, mas também às identidades de gênero. Na primeira letra estão incluídos transgêneros, transexuais e travestis: pessoas que se identificam com um gênero diferente do que foi designado no seu nascimento. O termo travesti está mais ligado às ruas, enquanto os termos transsexuais/transgêneros têm ligação com o mundo acadêmico/científico, mas, é importante frisar que a diferenciação entre esses três termos se dá por uma escolha pessoal da pessoa T, não está ligada a nenhum fator acadêmico, médico ou de cirurgia de redesignação sexual ou algo do tipo. O ‘Q’ é de *queer* – pessoas que transitam entre os gêneros masculino e feminino, podendo também se identificarem fora da binaridade masculino-feminino (o chamado não-binário, que rejeita os dois gêneros). O ‘I’ diz respeito ao intersexo – identidade de gênero de pessoas cujo desenvolvimento sexual corporal (seja por hormônios, genitais, cromossomos ou outras características biológicas) é não-binário; ou seja, não se encaixa na forma binária masculino-feminino. O ‘A’ volta a se referir a orientação sexual: pessoas assexuais, aqueles que não sentem atração afetivo-sexual por outra pessoa, independente de orientação sexual e de identidade de gênero. Por último, mas não menos importante, o sinal de mais (+): engloba outras possibilidades de orientação sexual e identidade de gênero que possam existir (por exemplo, a pansexualidade: pessoa que sente atração afetivo-sexual independente

da identidade de gênero da pessoa – seja mulher ou homem, cis ou trans, ou mesmo de outro gênero, como é o intersexo).

A escolha do nome *Sem Sinal* se deu por conta daquela tela que aparecia na televisão analógica quando ela se encontrava sem recepção de sinal, a chamada *color bar*. Sendo assim, a analogia é que o contexto onde se encontra poucos exemplos de jornalistas assumidamente LGBTQIA+, está *sem sinal* de representatividade. Além disso, a transição de cores exposta na vinheta [ver figuras 1 e 2], saindo das cores tradicionais para as cores da bandeira LGBTQIA+ é outra analogia importante para a seleção deste título.

Não existe, no Brasil, nenhum dado oficial acerca da sua população LGBTQIA+. Isso se dá porque o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ainda em 2020, não contabiliza e reconhece essa parcela da população no seu Censo. Essa é uma demanda muito cobrada por militantes e entidades ligadas às causas da comunidade. Um dos motivos é que sem um número exato, sem uma discriminação e diferenciação dessas pessoas, não é possível saber quantas são; onde estão; sob qual condição; e, conseqüentemente, não é possível viabilizar políticas públicas para atendê-los. Embora não exista esse número oficialmente, segundo o Observatório de Empregabilidade LGBT e diversos grupos ligados a comunidade, existe uma estimativa de que entre 10% e 20% da população brasileira seria LGBTQIA+. Ou seja, estamos falando de algo entre 20 e 40 milhões de brasileiros, que, por conta da invisibilidade de dados oficiais, não são contemplados pelas chamadas políticas públicas.

Em setembro de 2020, completou-se 70 anos da televisão no Brasil. Há sete décadas, o brasileiro tem seu lar envolvido por imagens e histórias diferentes. Embora sejam, em sua maioria, recentes, não é difícil pensar em diferentes exemplos de personagens e histórias com pessoas LGBTQIA+.

Uma vez que entendemos a televisão como um reflexo da sociedade e pensamos nela não somente se tratando de novelas, filmes e seriados, mas incluindo, também, o jornalismo, devemos nos perguntar também nesse âmbito: onde estão as e os repórteres e apresentadoras e apresentadores LGBTQIA+?

Ao tratar de outras áreas, não faltam nomes nacionais e internacionais para exemplificar como pessoas LGBTQIA+ têm sido precursoras ao longo da história. Oscar Wilde – escritor, poeta e dramaturgo, nascido na Irlanda, chegou a cumprir dois anos de prisão por “cometer atos imorais com diversos jovens”; Alan Turing – matemático inglês, conhecido como ‘pai da computação’, auxiliou a Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial e, em 1952, foi alvo de um processo criminal, uma vez que atos homossexuais eram ilegais no Reino Unido na época

– ele aceitou o tratamento com hormônios femininos e castração química, como alternativa à prisão; Marsha P. Johnson, travesti ativista estadunidense, uma das grandes personalidades da Revolta de *Stonewall*, conhecida pela sua luta em prol da libertação LGBTQIA+ nos EUA; Jorge Lafond, ator e comediante brasileiro, conhecido pela sua personagem Vera Verão; Renato Russo, cantor e compositor brasileiro, vocalista da banda Legião Urbana, famosa no país nos anos 90; Freddie Mercury, cantor e compositor inglês, vocalista da banda de rock *Queen*, cujo repertório incluem músicas mundialmente conhecidas como *We Are The Champions* e *Bohemian Rhapsody*; todos importantes e renomados em suas áreas.

Refletindo sobre o cenário do jornalismo nacional, conseguimos pensar em alguns nomes. Por exemplo, em 2016, a então jornalista esportiva e apresentadora do Esporte Espetacular na TV Globo, Fernanda Gentil, em entrevista para a coluna Gente Boa do jornal O Globo, assumiu seu relacionamento com a também jornalista, Priscila Montandon<sup>1</sup>. Em 2019, em comemoração aos seus 50 anos, o Jornal Nacional realizou um rodízio com apresentadores de diferentes estados e filiadas aos sábados, e, pela primeira vez, teve um apresentador assumidamente bissexual, o jornalista Matheus Ribeiro.

Ainda assim, com alguns exemplos de jornalistas que falam de forma aberta sobre sua sexualidade, qual o restante do cenário? Desde o início dos telejornais e até hoje, profissionais que aparecem diante das câmeras optam – ou são induzidos a – por esconder sua sexualidade, não dentro da redação jornalística, mas sim do público. A premissa do telejornalismo de que nada pode destoar do foco – a notícia – é tão incorporada dentro das grandes empresas de comunicação que jornalistas, para se adequar a isso, abrem mão dos trejeitos, falas, sotaques e, de certa forma, corpos. E os que não conseguem abdicar dessas suas características não chegam a ser contratados. Jornalista experientes, com anos de carreira, renome e estabilização na área ainda hoje não conseguem falar publicamente das suas relações, muito por culpa do público, que, muitas vezes, se recusa a aceitar algo diferente do padrão. Mas qual a parcela de culpa do próprio jornalismo sobre essa concepção? Não é papel do jornalismo abordar diferentes pautas e refletir todas as camadas da sociedade? Não é papel do jornalismo tocar e falar de assuntos que podem causar incômodos, mas precisam ser falados? Qual o impacto na vida de um jornalista competente e querido pelo público que precisa abrir mão da sua vida pessoal para viver sua profissão sem questionamentos da sua competência sendo feitos baseados na sua sexualidade?

---

<sup>1</sup> Separada desde abril, Fernanda Gentil assume namoro com uma jornalista. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/separada-desde-abril-fernanda-gentil-assume-namoro-com-uma-jornalista.html>

Além desse cenário, e o restante? Onde eles estão? Por qual motivo temos poucos exemplos vindo a mente? Por qual motivo, em sete décadas de televisão, ainda não tivemos uma ou um apresentadora transgênero comandando uma bancada de jornal? É uma escolha da emissora? Do recrutador? É um reflexo da audiência?

Com essas inquietações em mente e sabendo que, de certa forma, as respostas que encontrarei, podem dizer respeito, também, ao meu futuro nesse mercado de trabalho, é que decido produzir essa grande reportagem. Quantos exemplos mais eu consigo encontrar? Qual o papel da sociedade nessa questão? Mais importante, como mudar esse cenário?

### **1.1 – OBJETIVO GERAL**

Produzir uma grande reportagem audiovisual, a ser veiculada no canal do *YouTube* Telejornalismo UnB, sobre o mercado de trabalho telejornalístico para pessoas LGBTQIA+ no Brasil, baseando-se, especialmente, nos relatos, opiniões e percepções de pessoas LGBTQIA+ já inseridas nesse mercado; utilizando também pesquisas, dados, e relatos de pessoas de diferentes áreas – como psicólogos, historiadores e militantes – para entender como chegamos nesse cenário e como muda-lo.

### **1.2 – OBJETIVOS ESPECIFICOS**

- a) Discutir o cenário atual de pessoas LGBTQIA+ no jornalismo televisivo;
- b) Entender qual o papel do jornalismo televisivo enquanto ambiente de produção de conteúdo de representatividade;
- c) Apresentar dados e números atuais sobre ser LGBTQIA+ no mercado de trabalho – como um todo;
- d) Produzir uma grande reportagem com diferentes protagonistas sobre o mercado de trabalho do telejornalismo para pessoas LGBTQIA+: com relatos, dados e opiniões. O grande ponto em comum entre todos os relatos é a exposição da experiência pessoal desses entrevistados;
- e) Testar-me como produtor, repórter e editor em jornalismo audiovisual ao produzir esta reportagem-pesquisa;

- f) Disponibilizar o conteúdo no canal Telejornalismo UnB na plataforma *YouTube*<sup>2</sup>.

### 1.3 – JUSTIFICATIVA

Ser um homem gay sempre foi a minha realidade dentro da Universidade de Brasília. Por coincidência da vida, a minha aceitação pessoal - sobre quem eu era – veio próximo ao resultado de aprovação no ‘Vestibular UnB – 2015’ e esse fato sobre eu mesmo me guiou em diferentes caminhos e escolhas durante a graduação – desde a escolha de matérias até produção de trabalhos, inclusive agora, na escolha deste tema de pesquisa com o qual vou enfrentar o desafio de produzir jornalisticamente algo que contribua para o debate público, no qual vou encerrar minha graduação em Jornalismo e passar à fase profissional de minha vida.

Uma das primeiras consequências que recaí sobre a pessoa ao se externalizar como gay é o preconceito. E quando se entende que esse preconceito pode vir de diferentes camadas da sociedade, em qualquer âmbito, é quase que automático um instinto de ‘defesa’ ao tentar se proteger do ‘mundo lá fora’. E o mundo lá fora inclui o mercado de trabalho.

Sendo assim, as minhas inquietações me levam, também, a deixar claro que profissionais LGBTQIA+ são tão qualificados e competentes quanto profissionais heterossexuais e dessa forma merecem ocupar – mais – esses diferentes espaços (jornalismo, entretenimento, teatro, música, política, etc).

Outro ponto me traz a essa escolha de tema. Um dos conselhos mais falados pelos professores durante toda a graduação: “esse é o momento onde vocês podem errar, onde vocês podem fazer algo baseado nos seus gostos e no que acreditam”. Talvez esse seja o último momento – por um longo tempo – no qual posso fazer algo por uma pauta que acredito que seja silenciada – inclusive por essas pessoas. Esse fato, por si só, já é motivador o suficiente na minha escolha de tema.

Enfim, seria impossível fechar meu ciclo dentro da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília de outra forma.

## 2 – HOMOSSEXUALIDADE: UM BREVE HISTÓRICO

---

<sup>2</sup> Telejornalismo UnB. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCRlfit6vCkrOG6CcUNIDSnA/>

A homossexualidade, como entendida hoje, enquanto uma identidade/orientação sexual, passou a ser tratada dessa forma no séc. XIX, pelo advento de diferentes correntes de pensamento da época. Sendo assim, ao falar de civilizações antigas – gregos, romanos, hebreus e judeus – é importante esclarecer que eles não tinham o mesmo entendimento e diferenciação de orientação sexual como temos atualmente. Como Foucault (1984) explica em *História da Sexualidade II: Os Usos dos Prazeres*, não seria possível utilizar o termo ‘homossexualidade’ na Grécia, pois “os gregos não opunham, como duas escolhas diferentes, o amor ao seu próprio sexo ao amor pelo sexo oposto”.

Na mesma obra, Foucault discorre sobre como na Grécia antiga, as práticas sexuais entre homens não eram lidas como algo problemático e sim entendidos como, de certa forma, relações culturais que perpassava por hierarquia de idade, de poder e status. Segundo Dover (1994), embora não fossem críticos a homossexualidade, “nenhum homem [grego] penetra outros homens e se submete à penetração por outros homens numa mesma fase da sua vida”. Isso se deve porque no entendimento grego, o jovem aprendiz (*erotomenos*) era sempre o subordinado, inclusive no campo sexual; enquanto o adulto educador (*erastes*) era o dominador. Conforme o *erotomenos* ia crescendo, as relações entre os dois passariam a ser desaprovadas, e o *erotomenos* passaria a ser *erastes* de outros jovens.

Assim como se daria em Roma posteriormente, os gregos também viam como problemáticas a passividade do rapaz. Foucault (p. 264) esclarece que “a passividade dos escravos e das mulheres eram marcas da inferioridade, de sua condição”. Entretanto, a passividade dos rapazes era um assunto diferente, afinal, no futuro, ele se tornaria cidadão, deixando a passividade e tornando-se ativo. Assim, Foucault (p. 270) denomina isso de “antinomia do rapaz”: ao mesmo tempo ele é o objeto de prazer, mas não pode aceitar-se totalmente como objeto, se identificar com esse papel.

Para os romanos, também não existia um problema nas relações sexuais entre homens, mas, ao invés de perpassar pela idade, elas perpassam pelas classes – o senhor penetrava, o escravo era penetrado. Por seguir essa linha de poder e classe, eles eram menos tolerantes que os gregos, especialmente com a figura passiva da relação. Como explica Naphy (2006, p.65), o repúdio deles em relação àquele que se deixava ser penetrado era ligado ao conceito de “ser violado” e essa aversão era tão grande que “os médicos romanos consideravam o desejo de ser penetrado uma patologia que pode ser diagnosticada”. De certa forma, algo similar com o que acontece ainda hoje, conforme explica Colaço (2012): “ameaças de penetrar o inimigo como forma de subjugar-los, de ostentar o domínio sobre ele são igualmente comuns na contemporaneidade como entre os romanos pré-cristãos”.

As práticas sexuais entre homens passaram a ser problemáticas quando, no seu processo de formação identitária, os hebreus, no seu processo de construção política social, saíram em busca de uma religião própria. Naphy (2006, p. 53) explica que nesse processo para “forjar o ‘povo judeu’, a (nova) estrutura simbólica é organizada a partir de uma visão de mundo religiosa, binária e opositiva: pureza versus impureza”. Ou seja, qualquer prática inclusa no espectro impuro determinava abominação. Nesse contexto, a procriação passa a ser vista como uma estratégia de sobrevivência – pensando no crescimento demográfico.

Segundo Colaço (2012), “no cristianismo, tributário ao judaísmo, a prática sexual também é construída como pecado ou, na melhor das hipóteses, um mal necessário à contenção de lascívia e meio estratégico para fornecimento de mão de obra e guerreiros, capaz de viabilizar projetos de expansão e domínio”. Enquanto o cristianismo seguia no seu processo de expansão, na cultura romana as relações sexuais entre homens ainda era parte integrante da cultura. Nas palavras de Colaço (2012): “não implicavam nenhuma abjeção, pecado ou imoralidade”.

Mott (1988, p. 1) explica que, no Ocidente, a primeira normativa contra a sodomia entre homens ocorre em 342 com o Edito do Imperador Constantino II – modificado pelo Imperador Teodósio, em 390 – ou seja, quando o Império Romano torna o cristianismo sua religião oficial. Para o Imperador Constantino II, o ser passivo na relação entre homens era punido com, acredita-se, a castração; Teodósio amplia e agora a pena é a fogueira. Em 533, o Imperador Justiniano restringe ainda mais: todas as relações sexuais entre homens são abomináveis e a pena passa a ser a morte.

Dando um grande salto histórico, partimos para a criação do termo ‘homossexualidade’. David Halperin afirma no texto *One Hundred Years of Homosexuality*, que, em 1892, Chaddock - ou acredita-se que foi esse autor - incluiu no dicionário de Oxford a palavra homossexualidade. Desde então, o termo nos acompanha. Isso se deve porque, segundo Halperin, foi nesse período que a sexualidade passou a tornar-se central para as identidades. Roudinesco (2008) afirma que “essa sexualidade patológica [...] será objeto de duas ciências oriundas da psiquiatria: a sexologia e a criminologia”. Foucault também parte no mesmo sentido:

“O homossexual, como os demais perversos, entrará no jogo da observação sistemática, da medição, da catalogação, dos interrogatórios capazes de sobrepujarem ao poder inquisitorial” (FOUCAULT, 2005, p. 44).

O fato é que os antigos praticantes de um ato interdito, agora portadores de características degenerativas da sanidade física ou moral, passam a ser objeto de práticas

*científicas* que, de forma semelhante à religião, também classificam sua revelia (COLAÇO, 2012, p. 41. Itálico do original).

Embora o objetivo da explicação biológica fosse construir uma visão mais compreensiva para expressões do desejo discordantes do polo heterossexual, ela terminou possibilitando novas formas de controle e repressão – em busca da *cura* do corpo. Para Colaço (2012), “[...] ao longo da maior parte do século XX, o que foi originariamente proposto como mecanismo supressor da perseguição a se consolidar como fundamento do estigma, legitimando as ações de ‘tratamento’ e ‘cura’”.

Esse cenário perdurou por quase um século, até que os movimentos homossexuais dos EUA, decidiram pautar e reverter esse assunto. Segundo Colaço, os ativistas passaram a invadir conferências e congressos de psiquiatria e psicologia, questionando e pedindo a retirada, por parte da Associação Norte-Americana de Psicologia, da homossexualidade do seu Manual de Diagnósticos Médicos, alcançando êxito em 1973, quando chegaram ao consenso de que a homossexualidade em si não constituía patologia.

O mesmo movimento aconteceu pouco depois no Brasil, impulsionado por grupos ativistas como o Grupo Gay da Bahia e o Somos/SP, com estratégias parecidas, conseguindo êxito em 1985:

“Em seis de março de 1985, o Conselho Federal de Medicina comunica em ofício ao Grupo Gay da Bahia – principal agente no encaminhamento da demanda – que, em nove de fevereiro do mesmo ano, em Sessão Plenária, fora aprovado o Parecer do Conselheiro Ivan Araújo Moura Fé, eliminando o Código 302.0 da CID<sup>3</sup> que fixava a homossexualidade como desvio ou transtorno sexual” (COLAÇO, 2012, p. 135).

A nível mundial, a retirada da homossexualidade do Código Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial da Saúde (OMS). Ocorreu em 1990<sup>4</sup>, representando um marco para a comunidade, comemorado até os dias de hoje.

Importante mencionar que a transexualidade só saiu do Código Internacional de Doenças em 2018<sup>5</sup>, ou seja, por mais 28 anos, a transexualidade foi tratada como uma doença.

---

<sup>3</sup> Código 302.0 da Classificação Internacional de Doenças (CID), caracterizava a homossexualidade como desvio ou transtorno sexual.

<sup>4</sup> Há 30 anos, OMS retirava homossexualidade da lista de doenças. Disponível em: <  
<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/ha-30-anos-oms-retirava-homossexualidade-da-lista-de-doencas/>>

<sup>5</sup> OMS retira transexualidade da lista de doenças e distúrbios mentais. Disponível em: <  
<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2018/junho/organizacao-mundial-da-saude-retira-a->

Não mais criminalizada – em grande parte do mundo – e não mais fazendo parte dos manuais de doença psiquiátricas ao redor do mundo, a homossexualidade segue sendo vítima da homofobia, que encontrou novas formas de continuar na vida das pessoas LGBTQIA+, como exemplificado aqui, no mercado de trabalho.

### **3 – MERCADO DE TRABALHO PARA A PESSOA LGBTQIA+ NO BRASIL**

Uma pesquisa sobre o mercado de trabalho para a população LGBTQIA+, realizada com mais de 1.000 entrevistados, LGBTQIA+ e heterossexuais, divulgada em setembro de 2020 pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio), revelou dados interessantes sobre como se dá a presença dessa parcela da população brasileira no mercado de trabalho.

Entre os dados divulgados, consta que metade (50%) das pessoas LGBTQIA+ assumiram sua sexualidade no mercado de trabalho, enquanto 25% já contaram a alguns de seus colegas sobre sua orientação sexual, e outros 25% ainda não falaram a ninguém.

No mesmo estudo, 35% dos entrevistados, assumidos ou não, revelaram terem sofrido algum tipo de preconceito, de forma direta ou velada. Dessa porcentagem, 12% afirmaram ter sofrido discriminação direta ou velada por parte dos líderes da empresa, incluindo gestores.

Quanto aos entrevistados heterossexuais, 58% deles disseram saber de algum colega de trabalho LGBT – independentemente de a pessoa ter lhe contado ou ter descoberto de outra maneira.

A pesquisa também mostra que entre os profissionais que não falaram abertamente sua orientação sexual, quatro fatores principais fizeram com que essas pessoas não compartilhassem essa informação no ambiente de trabalho: 51% não veem necessidade de falar sobre; 37% não gostam de falar sobre a vida pessoal; em 32%, ninguém sabe sobre a orientação sexual dentro e fora do trabalho; e 22% por medo de represália por parte dos colegas.

No que diz respeito à liderança dentro das empresas, 13% dos entrevistados LGBTQIA+ afirmaram ocupar ou terem ocupado anteriormente, um cargo de diretoria ou C-level; 15% ocupavam ou ocupam cargos de coordenação e gestão; e 54% representa cargos de entrada, isto é, analistas, assistentes ou estagiários.

Ainda com LGBTQIA+, 74% afirmaram que não teriam problemas em trabalhar com um possível chefe LGBT, enquanto 71% dos profissionais heterossexuais afirmaram que não teriam problemas em trabalhar com um possível chefe LGBT.

Sobre a diversidade dentro das empresas, 82% dos entrevistados LGBTQIA+ sentem que ainda falta muito para que as empresas os acolham melhor; 32% disseram se sentir acolhidos na empresa atual ou que trabalharam. No mesmo assunto, 38% dos heterossexuais afirmaram que dentro da empresa as pessoas LGBT se sentem acolhidas.

No campo político, 64% dos entrevistados LGBTQIA+ afirmaram que o governo não se preocupa com a diversidade no Brasil, enquanto apenas 39% dos entrevistados heterossexuais afirmaram que o governo não se preocupa com a diversidade no Brasil. Para 67% dos profissionais LGBTQIA+, promover a igualdade entre os gêneros é uma responsabilidade do governo. Entre heterossexuais, o número é maior, somente para 43% promover a igualdade entre os gêneros é uma responsabilidade do governo.

Por fim, 76% dos respondentes LGBTQIA+ afirmaram acreditar que o Brasil é um país homofóbico, enquanto 53% dos respondentes heterossexuais afirmaram acreditar que o Brasil é um país homofóbico.

Como resultado dessa pesquisa, foi criado o Observatório sobre a Empregabilidade LGBT, onde os pesquisadores acompanham e entendem mais sobre a inserção e manutenção dessas pessoas no mercado de trabalho.

No relatório divulgando pelo Observatório, eles esclarecem que o mercado funciona de forma diferente para pessoas trans. Para essa parcela da população, o mercado é ainda pior, pois elas passam por mais questões que visam barrar sua entrada no mercado de trabalho: como a passabilidade – característica de quem consegue se passar por cisgênero -, a não possibilidade de se esconder, a falta de incentivos e políticas públicas, etc.

## **4 – PESQUISA**

### **4.1 - PERGUNTAS**

As perguntas que permeiam minha pesquisa são as seguintes:

- O que acontece com os demais jornalistas que não conseguem se adequar ao mercado (seja pelos trejeitos, falas, etc)?

- Partindo do princípio de que, sim, eles existem, onde eles estão? Eles são realocados para funções por trás das câmeras? Abandonam o jornalismo televisivo?

- Por qual motivo temos poucos exemplos vindo a mente? O que impede que demais jornalistas, ainda hoje, não assumam suas relações publicamente? É parte de uma escolha pessoal ou uma forma de proteção ao vínculo empregatício?

- Por qual motivo, em sete décadas de televisão, ainda não tivemos uma ou um apresentadora transgênero comandando uma bancada de jornal? A culpa é dividida: inicialmente, o governo falhando em criar políticas públicas para essa parcela da população ser inserida no mercado de trabalho; depois, da emissora/RH, uma vez que eles próprios podem criar essas políticas de inserção, por que não o fazem?; por último, e mais importante: a audiência, se eles não demandam, a emissora não vai atrás, uma vez que a emissora vai, ela ainda pode sofrer retaliações dessa mesma audiência.

## 4.2 – DIFICULDADES

As dificuldades encontradas por essa pesquisa começaram com o baixíssimo número de exemplos de jornalistas LGBTQIA+ cuja sexualidade é um assunto aberto a todos. Dentro desse problema, ainda encontrei duas categorias: pessoas cuja sexualidade é um assunto aberto em seu círculo social, ambiente de trabalho e com o público que o assiste e pessoas cuja sexualidade é um assunto aberto em seu círculo social e ambiente de trabalho, mas com o público que o assiste, o assunto é omitido – muitas vezes não chegam a negar, mas não falam ou levantam bandeira sobre.

Outro fator dificultador durante o processo de construção desta pesquisa foi a falta de resposta por parte dos recrutadores/entrevistadores/RH das emissoras de televisão. Procurados para falar sobre a diversidade no processo de seleção – se era algo levado em conta, se existia uma política dentro da empresa para que diferentes tipos de perfis entrassem, se existia algum estudo, feito pela própria empresa sobre a diversidade dentro das suas redações –, nenhum dos responsáveis por esse processo, dentro da TV Globo, SBT e Record, responderam o contato<sup>6</sup>.

A falta de dados oficiais sobre a população LGBTQIA+, não só sobre o mercado de trabalho, mas no contexto geral – quantos são, onde vivem, como vivem, o que fazem – impactou negativamente a pesquisa. Uma vez que esses dados existissem, seria mais fácil dimensionar a presença da comunidade no campo do trabalho.

---

<sup>6</sup> Texto do corpo da mensagem disponível em Anexo 1.

### 4.3 – ENTREVISTADOS

Ao todo, foram entrevistadas 12 pessoas para a construção desta pesquisa. Todas por videoconferência: 11 através do aplicativo de reuniões e chamadas em vídeo *Zoom*, e 1 através do aplicativo de reuniões e chamadas em vídeo *Google Meet*. Estas entrevistas foram realizadas entre os dias 15 de setembro de 2020 e 21 de outubro de 2020, levando em conta a disponibilidade de horários das/os entrevistadas/os.

As pessoas que se disponibilizaram a falar comigo foram (por ordem de entrevista):

- *Ana Júlia Tolentino*: 24 anos, bissexual, mora em Brasília-DF, estudante da Universidade de Brasília (UnB), estagiou na Record Brasília por 1 ano e meio, entre 2018 e 2019. Durante a entrevista, ela falou sobre seu período na emissora, a presença de pessoas LGBTQIA+ dentro da empresa, sobre como a redação jornalística era um ambiente aberto, mas em frente às câmeras não. Falou também sobre a falta de presença de pessoas gordas nesse campo, sobre onde ela acredita que deva acontecer a mudança – no próprio setor de recursos humanos da empresa, segundo ela – e como ela imagina o futuro na área;
- *Carina Ávila*: 27 anos, lésbica, Carina mora em Brasília-DF, repórter da TV Globo Brasília, trabalha no Globo Esporte DF, mas, por conta da pandemia, foi realocada para a produção do jornal local. Em sua entrevista, Carina falou sobre o processo de entrada na TV Globo – inicialmente como estagiária e retornando mais tarde através do programa Passaporte SporTV, onde trabalhou como correspondente na Copa do Mundo de Futebol de 2018, na Rússia –, sobre como foi falar sobre a sexualidade já dentro da empresa – os medos, como foi se assumir para cada colega de redação, a recepção desses colegas –, como se deu o processo de ‘sair do armário’ dentro de casa – como seu pai não reagiu bem e tentou interná-la em clínicas clandestinas que prometem a ‘cura’ gay –, sobre sua relação com a sexualidade e seus seguidores/público e como ela enxerga o cenário jornalístico televisivo para pessoas LGBTQIA+ e o que espera do futuro;
- *Lisa Gomes*: 37 anos, transsexual, mora em São Paulo-SP, é repórter do programa TV Fama na RedeTV!, começou sua trajetória na emissora como *drag queen*,

animando programas como o do apresentador João Kleber e, aos poucos, foi recebendo convites para pequenas matérias no TV Fama, até que, recebeu o convite oficial para fazer parte da equipe de repórteres do programa. Lisa falou sobre seu processo de transição, o apoio da sua família, a sua relação com colegas de equipe e entrevistados e como nunca sofreu nenhum tipo de preconceito no ambiente de trabalho por conta da sua identidade de gênero. Também deu seu ponto de vista sobre o mercado jornalístico televisivo para pessoas trans, suas ambições profissionais – ter seu *próprio talk show* – e como ela enxerga a importância da sua presença na televisão;

- *Alana Rocha*: 40 anos, transsexual, mora em Salvador-BA, atualmente é repórter do próprio programa de jornalismo policial no seu canal do *YouTube* TV Verdade, mas trabalhou na TV Aratu, filiada do SBT na Bahia, entre 2017 e 2018. Alana conversou sobre seu processo de transição, como o apoio que recebe – e sempre recebeu – da sua mãe lhe ajudou durante o processo, sobre o preconceito que sofria por parte dos entrevistados antes de se formar em Jornalismo, em como sua experiência com a televisão foi gratificante e o quão ela quer voltar a trabalhar com TV. Também falou sobre a pouca presença de pessoas trans nesse ambiente, como sempre são alocados em funções do entretenimento e o quão seria inspirador uma repórter trans em uma emissora grande como a TV Globo.;
- *Julia Pecky*: 29 anos, lésbica, mora no Rio de Janeiro-RJ, editora de política do programa Em Pauta da Globo News. Trazendo um contraponto por não estar na frente das câmeras, Julia falou sobre a diversidade dentro da sua redação, o quão ela ainda está distante do ideal, mas o quão ainda é mais preocupante no quesito racial, uma vez que a presença dentro da empresa é menor ainda. Prosseguindo, falou da sua visão do futuro, da importância desses exemplos na TV e como alcançar a mudança.
- *Ben-Hur Correia*: 34 anos, bissexual, mora no Rio de Janeiro-RJ, repórter do jornal Bom Dia Rio, telejornal local na TV Globo Rio de Janeiro. Ben começou no esporte da emissora, também através do Passaporte SporTV, foi correspondente

internacional em Paris, França e atualmente trocou de área e está no jornalismo local. Ele contou sobre como as redações têm se tornado um espaço mais aberto para pessoas LGBTQIA+, sobre de que forma ele nota o preconceito nas suas redes sociais – através da perda de seguidores a cada foto postada com o namorado – e como ele não dá abertura para outras formas de preconceito, sobre a importância dos repórteres e apresentadores falarem sobre e causarem uma reflexão no público e como a competência não diz respeito a sexualidade;

- *Matheus Ribeiro*: 27 anos, bissexual, mora em Brasília-DF, editor-chefe e apresentador do DF Record, telejornal local da Record Brasília. Matheus começou sua carreira na televisão na TV Anhanguera, filiada da TV Globo no Goiás, onde apresentava o telejornal local em Goiânia. Participou do rodízio de apresentadores em comemoração aos 50 anos do Jornal Nacional. Ele falou sobre como, inicialmente, ele não se sentia confortável em ter relações públicas com homens, como tinha medo disso impedir algo na sua carreira e a transição para o momento em que sua orientação se tornou pública. Ainda conversou sobre sua relação tranquila com o público, a importância dessa representatividade no contexto jornalístico televisivo e como ele idealiza o futuro e as responsabilidades do jornalista LGBTQIA+;
- *Tarcis Duarte*: 25 anos, gay, mora em Uberlândia-MG, repórter e apresentador da TV Paranaíba, filiada da Record em Minas. Em 2019, enquanto apresentava o Cidade Alerta local, Tarcis foi alvo de homofobia: um telespectador enviou um comentário usando sua sexualidade como ofensa pejorativa; no episódio, Duarte respondeu o comentário ao vivo e gerou repercussão e apoio de inúmeras pessoas, não só do seu estado. Na entrevista, ele falou sobre o episódio, sua reação, o que aconteceu depois, o fato de ter sido a primeira e única situação em que sofreu algum ataque relacionado a sua orientação sexual. Falou também sobre a falta de diversidade frente às câmeras – o que seria totalmente oposto ao que ele viveu na faculdade e vive na própria redação, as mudanças necessárias e expectativas para o futuro;

- *Eliseu Neto*: 41 anos, mora no Rio de Janeiro-RJ, psicanalista, psicólogo, ativista e psicopedagogo, especialista em Orientação Profissional e defensor dos direitos das pessoas LGBTQIA+. Atualmente, é assessor legislativo da liderança do Cidadania no Senado Federal do Brasil. Foi líder da Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO) de seu partido no Supremo Tribunal Federal que resultou na criminalização da homofobia no Brasil, equiparada ao crime de racismo (ADO 26). Também é um dos idealizadores do Observatório de Empregabilidade LGBT, criado pós-pesquisa da UniRio. Conversou sobre a presença de pessoas LGBTQIA+ no mercado de trabalho, as dificuldades encontradas e como o problema não está apenas no processo de contratação, mas em todo o âmbito, especialmente na manutenção e ascensão dentro da empresa. Especificou também como o problema é muito maior quando se fala de pessoas trans, a necessidade da criação de políticas públicas e a saúde mental da pessoa LGBTQIA+ frente ao preconceito vivido desde a infância;
- *Felipe de Baére*: Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (PPG-PsiCC/UnB). Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC), com projeto no campo da suicidologia, com enfoque em gênero e sexualidade. Graduado em Jornalismo pelo Instituto de Educação Superior de Brasília (2009). Graduado em Psicologia pela Universidade de Brasília, com tripla habilitação - Licenciatura em Psicologia; Bacharelado em Psicologia e Habilitação Psicólogo - (2016). Tem desenvolvido trabalhos científicos nas áreas de saúde mental e gênero e diversidade sexual. Compõe o grupo de estudos e pesquisas Saúde Mental e Gênero, do Departamento de Psicologia Clínica da UnB (Lattes, 2020). Felipe falou sobre a criação do termo homossexualidade no séc. XIX, a homossexualidade sendo tratada como identidade e patologia, o percurso dela enquanto patologia, diferentes tratamentos em busca da ‘cura’, a luta de grupos ativistas pelo direito da pessoa LGBTQIA+ desde a década de 70, a retirada do termo do Código Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial da Saúde (OMS) na década de 90 e a saúde mental das pessoas LGBTQIA+;
- *Rita Colaço*: Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Mestre em Política Social pela UFF (2006). Bacharel em Ciências Jurídicas e

Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1988). Possui um blog no qual compartilha seus estudos (<http://memoriamhb.blogspot.com>). Durante a entrevista, Rita falou sobre como diferentes sociedades, como gregos e romanos, tratavam as relações sexuais entre homens e como essas relações passaram de uma relação cultural/educativa/de poder, para um crime – a partir da oficialização do Cristianismo como religião do Império Romano. Também conversou sobre o impacto disso no Brasil durante a colonização – uma vez que os povos originais não viam problemas nessas relações e os portugueses cristãos trouxeram essa carga de crime e pecado para o país;

- *Reinaldo Bulgarelli*: Consultor de diversidade no mercado de trabalho há mais de 20 anos, ele é criador e secretário-executivo do Fórum de Empresas e Direitos LGBTI+, cujo objetivo é fazer com que grandes empresas fomentem e busquem a diversidade no *ethos* empresarial. Em sua entrevista, Bulgarelli falou sobre os objetivos do Fórum, o papel das empresas no Fórum e na sociedade como um todo, como alcançar as mudanças desejadas para a inclusão das pessoas LGBTQIA+ e as problemáticas da – ainda pequena – inclusão de pessoas trans no mercado de trabalho.

Embora somente nove (9) jornalistas tenham dado seu relato, é importante que mencionarmos que, ao todo, foram convidados para participar mais de vinte e cinco (25) profissionais da reportagem e/ou apresentação de jornais, de diferentes emissoras e estados. Alguns recusaram por questões contratuais de imagem com as emissoras que trabalham, outros se quer responderam o convite por e-mail – muitos por não falarem sobre o assunto com o público que os acompanha.

#### **4.4 – REPORTAGEM AUDIOVISUAL**

A criação da reportagem audiovisual se deu em cinco partes: escolha do tema, criação da vinheta, gravação – entrevistas e passagens –, edição e, futuramente, o *upload* do vídeo para o canal do *YouTube* Telejornalismo UnB.

Antes de tudo, se faz necessária a contextualização das condições em que se deram a realização desta pesquisa-reportagem. Em um contexto normal, as gravações, embora envolvessem pessoas de outros estados, seriam prioritariamente face a face, ofício comum do

jornalismo como um todo. Além disso, a Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB) disponibilizaria o empréstimo de equipamentos – câmera, tripé, microfone, lapela – para que o trabalho fosse feito em maior qualidade. Porém, com a pandemia do coronavírus, as aulas da Universidade foram suspensas por um tempo e ao retornarem foram mantidas de forma não-presencial. Diante deste contexto, toda a produção, entrevistas, gravação, edição, se deu de forma remota, com equipamento de filmagem de uso pessoal do autor da pesquisa – um celular para as passagens e um notebook para as chamadas em vídeo das entrevistas.

A escolha do tema foi algo difícil. Antes da pandemia do COVID-19, a pesquisa estava sendo feita com o tema evolução da cobertura jornalística sobre pessoas soropositivas, onde os entrevistados seriam grupos de pessoas soropositivas, médicos, jornalistas que acompanharam o surgimento da doença em 1982, historiadores e psicólogos. Com a pandemia, foi necessária a mudança do tema – uma vez que não poderia entrar em hospitais, acompanhar rodas de conversa presencialmente. Um novo tema foi iniciado: relatos de pessoas que foram internadas por conta do COVID-19, suas vivências e percepções acerca do tratamento sendo dado – pelos governos, médicos e própria população – à doença. Iniciadas as entrevistas, ainda não estava gostando do resultado como um todo. Mais uma vez, uma mudança. Até chegar neste atual tema, cuja justificativa se encontra na Introdução.

A criação da vinheta foi um trabalho conjunto entre o autor da pesquisa a designer gráfica Camila Gardezani. Explicado o conceito, ela executou e sintetizou perfeitamente a ideia inicial.

A gravação das entrevistas, como informado acima, se deu por videoconferência, ao longo de pouco mais de um mês. Quanto aos locais das passagens, a escolha se deu visando a manutenção do distanciamento social e um maior número de diferentes cenários, ainda assim, sendo feitas em casa. A cinegrafia das passagens foi feita com auxílio de um amigo do autor da pesquisa, chamado Matheus Papa.

A edição de todo o material é realizada pelo autor da pesquisa, com o uso do programa *Adobe Premiere*. As artes também são da autoria da designer gráfica Camila Gardezani. O corte e edição das imagens se deu entre os dias 20/10/2020 e 12/11/2020, entre versões iniciais e cortes finais.

O *upload* do vídeo no canal do *YouTube* Telejornalismo UnB se deu na entrega do trabalho para a banca de defesa, em um compartilhamento secreto, onde somente os membros da banca têm acesso; a disponibilização para o público, somente após a defesa do trabalho, realizada em e correções apontadas pela Banca.

Por último, mas não menos importante, se faz necessário citar que todo o Trabalho foi produzido sob o contexto da pandemia de COVID-19. Desde a escolha do tema até as gravações, todas as etapas foram realizadas visando o isolamento social e o seguimento das regras de distanciamento da Organização Mundial da Saúde e do Ministério da Saúde. Essa realidade se reflete na falta de contato pessoal com os entrevistados, no uso de banco de imagens gratuitos na internet e nas passagens gravadas dentro de casa em diferentes cenários para evitar a monotonia no vídeo. Desta forma, o desafio de produzir um Trabalho de Conclusão de Curso em forma de produto se tornou ainda mais complicado e exigiu uma reformulação e adaptação dos meios do convencional no jornalismo – o face-a-face.

## **5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O mercado de trabalho jornalístico televisivo no Brasil, como um todo, pensando em produção e reportagem, é aberto a pessoas LGBs? Não é possível afirmar, entretanto, é possível afirmar que para aqueles que destoam do padrão de expressão corporal e voz, ainda não é possível – ou se dá em uma porcentagem ínfima – o ingresso frente às câmeras.

O medo de perder a colocação, o prestígio e, mais importante, o respeito – da equipe e do público – faz com que jornalistas de carreira evitem, omitam e mintam sobre a sua vida pessoal. Obviamente, essa pessoa tem o direito de se preservar na escolha pessoal de não falar sobre, mas, é preciso um cenário onde essa escolha seja realmente possível e não induzida; é preciso um cenário onde, de fato, a pessoa LGBTQIA+ jornalista escolha não falar sobre sua vida pessoal, não por medo de não ascender na empresa, não por medo de sofrer algum tipo de represália, não por medo do boicote do público, não por medo de não conseguir se realocar em outra empresa, não por medo de ser quem é.

De certa forma, a pouca presença atual de indivíduos LGBTQIA+ é resultado da omissão de importantes nomes que, em sua própria busca por respeito e ascensão na carreira, preferiram não falar sobre e acabaram limitando a discussão a outros campos sociais. Claro, é preciso levar em conta que se atualmente é difícil falar sobre, há 20, 30 ou 40 anos era um contexto muito pior. Ainda assim, ao pensar nas consequências dessas lacunas de representatividade, é, sim, necessário apontar os dedos para o próprio grupo e fazer uma autocrítica.

Tratando exclusivamente de pessoas trans, o cenário se mostra pior ainda; faltam exemplos tanto na produção quanto na reportagem. Mesmo com tantas evoluções e conversas sobre, é seguro afirmar que ainda não existe um espaço no telejornalismo para pessoas

transgêneros. Diante disso, se faz necessário a criação de políticas, em ambos os âmbitos, público e privado, para que não somente sejam inseridas, mas sim, mantidas e, mais ainda, ascendidas profissionalmente.

Mesmo não sendo o cenário ideal em nenhum quadro de representatividade – racial, sexual, de gênero –, a mudança está acontecendo. Ela pode não ser total em 1, 2, 5 ou 10 anos, mas, ao comparar com o ambiente de 10 anos atrás, notamos uma clara evolução. Se apegar a esse fato é entender que, mesmo em tempos adversos – social, política e economicamente falando –, o debate tem existido, as pessoas estão notando esses vácuos, estão pedindo preenchimento dessas lacunas. E o futuro será colorido.

## 6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOVER, K. J. *Homossexualidade na Grécia Antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 2007.

FOUCAULT, M. *Erótica*. In: FOUCAULT, M. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

HALPERIN, D. One hundred years of homosexuality. *Diacritics*, v. 16, n. 2, (Summer, 1986). p. 34-45.

NAPHY, W. *Born to be gay: história da homossexualidade*. Lisboa: Edições 70, 2006

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. *De Daniele a Chrysóstomo: quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena*. 2013. 371 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense Niterói, 2013. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1437.pdf>>.

WILDE, O. *A Alma do Homem Sob o Socialismo*. Editora: Vega. Coleção: Passagens. 2002.

Censo ignora população LGBT brasileira por mais uma década. Disponível em: <<https://www.oliberal.com/para/censo-ignora-populacao-lgbti-brasileira-por-mais-uma-decada-1.240398>>. Acesso em: 08 out. 2020.

EDUCAÇÃO, Txai Consultoria e et al. PROMOÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS DE PESSOAS LGBT NO MUNDO DO TRABALHO: construindo a igualdade de oportunidades no mundo do trabalho: combatendo a homo-lesbo-transfobia.. Construindo a igualdade de oportunidades no mundo do trabalho: combatendo a homo-lesbo-transfobia.. 2a edição revista e ampliada. Disponível em: [https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2016/01/2015\\_ManualPromocaoDireitosLGBTTrabalho\\_PT\\_V2.pdf](https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2016/01/2015_ManualPromocaoDireitosLGBTTrabalho_PT_V2.pdf). Acesso em: 11 out. 2020.

Há 30 anos, OMS retirava homossexualidade da lista de doenças. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/ha-30-anos-oms-retirava-homossexualidade-da-lista-de-doencas/>>. Acesso em: 10 out. 2020.

OMS retira transexualidade da lista de doenças e distúrbios mentais. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2018/junho/organizacao-mundial-da-saude-retira-a-transexualidade-da-lista-de-doencas-e-disturbios-mentais#:~:text=Neste%20m%C3%AAs%2C%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial,transtorno%20de%20identidade%20de%20g%C3%AAnero.%E2%80%9D>>. Acesso em 10 out. 2020.

Separada desde abril, Fernanda Gentil assume namoro com um jornalista. Disponível em <<https://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/separada-desde-abril-fernanda-gentil-assume-namoro-com-uma-jornalista.html>>. Acesso em: 08 out. 2020.

## 7 – APÊNDICE A: LOGO



f63592

ef080e

f8870b

f7d53c

8bda07

219fea

90278f

# MONTSERRAT

ABCDEFGHIJLMN

OPQRSTUVWXYZ

1234567890 ,.+-\*;/;><][

Fonte: Camila Gardezani

## 8 – APÊNDICE B: ROTEIRO REPORTAGEM AUDIOVISUAL

IMAGEM	ÁUDIO
SONORA MATHEUS, APRESENTADOR E EDITOR- CHEFE	[MATHEUS] DETERMINADOS ESPAÇOS DO MERCADO AINDA NÃO SÃO... NÃO RECEPCIONAM TÃO BEM PESSOAS QUE CONSEGUEM TRATAR SUA PRÓPRIA SEXUALIDADE COMO ALGO NORMAL.
SONORA CARINA, REPÓRTER	[CARINA] UM DOS MEUS MEDOS, POR EXEMPLO, QUANDO EU ME ASSUMISSE, ERA DE PERDER MEU EMPREGO. EU MORRIA DE MEDO DE NINGUÉM QUERER CONTRATAR UMA LÉSBICA.
SONORA TARCIS, APRESENTADOR E REPÓRTER	[TARCIS] NO MEU CURSO DE JORNALISMO, TINHA MUITO GAY, MUITA LÉSBICA, ENTÃO ASSIM PARECE SER A MAIORIA, NÉ? AI QUANDO EU VOU PRO MERCADO, PARECE SER A MAIORIA TAMBÉM, SÓ QUE NA TELA DA TV NÃO É A MAIORIA.
SONORA JULIA, EDITORA	[JULIA] SE VOCÊ FAZ UMA ANÁLISE SIMPLES, DE NÚMERO, É MEIO CARTESIANO, SE VOCÊ FAZ UMA ANÁLISE SIMPLES, VOCÊ VÊ QUE TÁ FALTANDO. E POR QUE QUE TÁ FALTANDO?
VINHETA	[VINHETA]
PASSAGEM	[ALLAN1] DECIDIR UMA CARREIRA,/ ENTRAR NO MERCADO DE TRABALHO E SER BEM SUCEDIDO SÃO PREOCUPAÇÕES DE QUASE TODAS AS PESSOAS. // E SE ESSE MESMO MERCADO TE NEGASSE OPORTUNIDADES POR CONTA DA SUA SEXUALIDADE OU SEU GÊNERO? //

<p>IMAGENS DA PARADA LGBT+ DE SÃO PAULO + FACHADA DA UNIRIO + ARTE COM OS DADOS DA PESQUISA DA UNIRIO + INÍCIO SONORA ELISEU NETO</p>	<p>[OFF1] A COMUNIDADE LGBTQIA+,/ FORMADA POR LÉSBICAS,/ GAYS,/ BISSEXUAIS,/ TRANSSEXUAIS,/ QUEERS,/ INTERSEXUAIS E ASSEXUAIS REPRESENTA UM MISTO DE DIVERSIDADE NA SOCIEDADE. // UM ESTUDO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO),/ REVELOU QUE 50% DAS PESSOAS LGBTQIA+ ESCONDE A ORIENTAÇÃO SEXUAL NO AMBIENTE DE TRABALHO, / POR MEDO DE REPRESALIAS POR PARTE DOS COLEGAS E CHEFES. // O PSICÓLOGO ELISEU NETO EXPLICA DE QUE FORMA ESSE PRECONCEITO ACONTECE NO AMBIENTE DE TRABALHO: //</p>
<p>SONORA ELISEU, PSICÓLOGO</p>	<p>[ELISEU] A DIFICULDADE DE ASCENSÃO NA EMPRESA, DE SUBIR DE CARGOS, O PRECONCEITO ENTRE OS COLEGAS, QUER DIZER, A GENTE CONSEGUIU AMPLIAR QUE NÃO É SÓ NA CONTRAÇÃO.</p>
<p>ARTE COM OS DADOS + SONORA DO ELISEU</p>	<p>[OFF2] A PESQUISA TAMBÉM MOSTROU QUE 35% DAS PESSOAS QUE REVELARAM SUA ORIENTAÇÃO, / JÁ SOFRERAM ALGUM TIPO DE PRECONCEITO, / VELADO OU DIRETAMENTE. // ESSE ESTUDO ORIGINOU O OBSERVATÓRIO DA EMPREGABILIDADE LGBT. //</p>
<p>SONORA ELISEU, PSICÓLOGO</p>	<p>[ELISEU] O QUE A GENTE CONSEGUIU COM O OBSERVATÓRIO É A CLAREZA [...] MOSTRANDO QUE A GENTE PRECISA DE POLÍTICAS PÚBLICAS, NÃO SÓ PRA COLOCAR O LGBT NO MERCADO DE TRABALHO, MAS PARA APOIA-LO NO MERCADO DE TRABALHO E GARANTIR EQUIDADE.</p>

<p>SONORA REINALDO BULGARELLI + PRINT FÓRUM DE EMPRESAS E DIREITOS LGBTI+</p>	<p>[OFF3] O CONSULTOR DE DIVERSIDADE REINALDO BULGARELLI ENTENDE BEM DESSA COLOCAÇÃO DE PROFISSIONAIS LGBTQIA+ NO MERCADO DE TRABALHO. ELE É CRIADOR E SECRETÁRIO EXECUTIVO DO FÓRUM DE EMPRESAS E DIREITOS LGBTI+, INICIATIVA QUE REUNE GRANDES EMPRESAS PELA PROMOÇÃO DESSES DIREITOS NO AMBIENTE EMPRESARIAL.</p>
<p>SONORA REINALDO BULGARELLI, CONSULTOR DE DIVERSIDADE</p>	<p>[REINALDO] O NEGÓCIO SE COLOCANDO NESSA QUESTÃO E PERCEBENDO ‘PUXA, COM MAIS DIVERSIDADE EU CONTRATO MELHOR, EU ENXERGO MELHOR MEUS CLIENTES, EU ME COMUNICO MELHOR DE TODAS AS FORMAS, DO ANÚNCIO DA VAGA, NO MEU PRODUTO, NO SERVIÇO, NO ATENDIMENTO.</p>
<p>ARTE COM OS DEZ COMPROMISSOS DO FÓRUM</p>	<p>[OFF4] PARA FAZEREM PARTE DO FÓRUM, AS QUASE CEM EMPRESAS ATUAIS TIVERAM QUE SE COMPROMETER A BUSCAR CUMPRIR OS DEZ COMPROMISSOS QUE GUIAM O MOVIMENTO E TORNA-LO MAIS QUE UMA REDE DE CONTATOS. //</p>
<p>SONORA REINALDO, CONSULTOR DE DIVERSIDADE</p>	<p>[REINALDO] É TAMBÉM UM ESPAÇO DE TROCA, MAS É O ESPAÇO DA GENTE IR ASSUMINDO COMPROMISSO E DANDO UMA VOZ PÚBLICA PROS DIREITOS HUMANOS LGBTI+, OU SEJA, OCUPAR NÃO SÓ UM ESPAÇO DENTRO DAS EMPRESAS, FAZER NOSSA LIÇÃO DE CASA, BUSCAR CUMPRIR OS DEZ COMPROMISSOS, [...] AJUDAR O AMBIENTE EMPRESARIAL E A SOCIEDADE.</p>

<p>PASSAGEM</p>	<p>[ALLAN2] MAS, / AINDA SÃO POUCAS AS EMPRESAS QUE BUSCAM ADICIONAR ESSA DIVERSIDADE NO AMBIENTE DE TRABALHO. // VAMOS PENSAR EM UM EXEMPLO PRÁTICO. // QUANTOS REPÓRTERES OU APRESENTADORES E APRESENTADORAS DO JORNAL QUE VOCÊ ACOMPANHA, VOCÊ SABE QUE SÃO LGBTQIA+? // MAIS IMPORTANTE, / QUANTOS DESSES VOCÊ ACREDITA QUE TÊM LIBERDADE PARA FALAR SOBRE SEM SOFRER ALGUM TIPO DE RETALIAÇÃO? //</p>
<p>SONORA MATHEUS, APRESENTADOR E EDITOR- CHEFE</p>	<p>[MATHEUS] POR MUITO TEMPO, EU ME QUESTIONEI SE ISSO SE TORNARIA UM FATOR IMPEDITIVO PRA EU ALCANÇAR OS OBJETIVOS QUE EU QUERIA ENQUANTO PROFISSIONAL. [...] NOS PRIMEIROS ANOS DE CARREIRA, COINCIDINDO COM OS PRIMEIROS ANOS DA VIDA ADULTA, ISSO ERA UM PROBLEMA MUITO GRANDE, UM TABU. EU NÃO CONSEGUIA TER NENHUM TIPO DE RELACIONAMENTO COM HOMENS QUE NÃO FOSSE ESCONDIDO.</p>
<p>IMAGENS DA TV GLOBO COM OS APRESENTADORES QUE PARTICIPARAM DO RODÍZIO + IMAGENS DO MATHEUS APRESENTANDO O JA2, NO GOIÁS + PRINTS DAS NOTÍCIAS NOS PORTAIS FALANDO DO MATHEUS</p>	<p>[OFF5] EM 2019, / EM COMEMORAÇÃO AOS SEUS 50 ANOS, / O JORNAL NACIONAL DA REDE GLOBO REALIZOU UM RODÍZIO DE APRESENTADORES, / DE DIFERENTES ESTADOS, / A CADA FINAL DE SEMANA. // MATHEUS, / ENTÃO CONTRATADO PELA TV ANHANGUERA, / FILIADA DA REDE GLOBO NO GOIÁS, / PARTICIPOU DO RODÍZIO E VIROU NOTÍCIA EM PORTAIS, / POR SE TORNAR O PRIMEIRO HOMEM GAY A COMANDAR A</p>

<p>SONORA MATHEUS, APRESENTADOR E EDITOR- CHEFE</p>	<p>BANCADA DO JN. // EMBORA SE IDENTIFIQUE COMO BISSEXUAL E NÃO COMO GAY COMO NOTICIADO,/ ELE ENTENDE A IMPORTÂNCIA DO MOMENTO PARA A COMUNIDADE. //</p> <p>[MATHEUS] EU FICO MUITO FELIZ E COMPREENDO A REPERCUSSÃO QUE ISSO TENHA ALCANÇADO DO PONTO DE VISTA DE EXEMPLO, DE INSPIRAÇÃO OU DE MOTIVAÇÃO PARA OUTRAS PESSOAS QUE TÊM UMA HISTÓRIA SEMELHANTE COMO A MINHA OU QUE VIVEM ALGUM DOS DILEMAS NESSA PROFISSÃO. É SEMPRE AQUELA HISTÓRIA ‘OLHA, TÁ VENDO? É POSSÍVEL’, ‘OLHA, TÁ VENDO? VOCÊ PODE CHEGAR A ALGUM LUGAR’.</p>
<p>PASSAGEM</p>	<p>[ALLAN3] DIVERSOS AUTORES DA COMUNICAÇÃO CONCEITUAM O JORNALISMO COMO UM ESPELHO DA SOCIEDADE. // SE O JORNALISMO É ENTÃO UM REFLEXO, / E TIVEMOS O PRIMEIRO HOMEM BISSEXUAL NA BANCADA MAIS IMPORTANTE DO TELEJORNALISMO BRASILEIRO SOMENTE EM 2019,/ COMO AS DIFERENTES SOCIEDADES ENXERGARAM A PESSOA LGBTQIA+ AO LONGO DA HISTÓRIA? //</p>
<p>SONORA RITA COLAÇO, HISTORIADORA SOCIAL + IMAGENS, ILUSTRAÇÕES E PINTURAS REPRESENTANDO GREGOS E ROMANOS.</p>	<p>[RITA] CADA UMA DESSAS CIVILIZAÇÕES TINHA UMA ESTRUTURA SEXUAL DIFERENCIADA [...] NA GRÉCIA TINHA UMA ESTRUTURAÇÃO ESPECÍFICA, QUE ERA A PEDERASTIA, QUE NÃO ERA PRÁTICA DE SEXO COM CRIANÇA, É UMA RELAÇÃO</p>

<p>IMAGEM DO ARCO DE TITOS, MONUMENTO QUE REMETE AOS JUDEUS.</p>	<p>SEXUAL ENTRE O MESTRE E O PUPILO [...] JÁ NA ESTRUTURAÇÃO ROMANA ERA DIFERENTE, ERA UMA ESTRUTURAÇÃO DO PASSIVO EM SI, ENTENDEU? ENTÃO ERA UMA ESTRUTURAÇÃO MAIS FECHADA, DIGAMOS MENOS TOLERANTE EM RELAÇÃO À GREGA.</p> <p>[OFF6] COM A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE CULTURAL E RELIGIOSA PRÓPRIA, / OS JUDEUS FORAM OS PRIMEIROS A TRATAR AS RELAÇÕES ENTRE HOMENS COMO ALGO IMPURO. //</p>
<p>SONORA RITA COLAÇO, HISTORIADORA SOCIAL</p>	<p>[RITA] ISSO SÓ VAI SE TORNAR HEGEMÔNICO, SÓ VAI SE TORNAR INTERDITO, A MEDIDA QUE COMEÇA A SE CONSTITUIR A IDENTIDADE DO JUDEU. [...] PORQUE EXISTE UMA NECESSIDADE DAQUELE POVO, DE PRODUZIR AUMENTO DEMOGRÁFICO, ELES TINHAM A NECESSIDADE DE SE CONSOLIDAR COMO UMA TRIBO FORTE, E FORTE SIGNIFICA TAMBÉM EM TERMOS NUMÉRICOS.</p>
<p>IMAGENS DE PINTURAS QUE FAZEM ALUSÃO AO CRISTIANISMO EM ROMA</p>	<p>[OFF7] QUANDO O CRISTIANISMO SE TORNA A RELIGIÃO OFICIAL DO IMPÉRIO ROMANO, / AS PRIMEIRAS SANÇÕES EM RELAÇÃO A CHAMADA SODOMIA SÃO FEITAS. //</p>
<p>SONORA RITA COLAÇO, HISTORIADORA SOCIAL</p>	<p>[RITA] NA MEDIDA QUE O CRISTIANISMO SE TORNA UMA RELIGIÃO DO ESTADO, CONSTANTINO RECONHECE E ADERE ESSA RELIGIÃO, ELA SE TORNA DISSEMINADA ENTRE OS ROMANOS. ENTÃO, TODA PRÁTICA QUE EXISTIA</p>

<p>IMAGEM ESTÁTUA CONSTANTINO II + ARTE COM OS TRÊS DECRETOS E SUAS PENALIDADES</p>	<p>ANTERIOR MUDA, É UM OUTRO PARADIGMA.</p> <p>[OFF8] O PRIMEIRO CÓDIGO PENAL CONTRA AS PRÁTICAS SEXUAIS ENTRE HOMENS NO OCIDENTE DATA DE 342 COM O EDITO DO IMPERADOR CONSTANTINO II. // PARA O IMPERADOR, A ATITUDE PASSIVA NA RELAÇÃO ENTRE HOMENS ERA PASSÍVEL DE CASTRACÃO. // EM 390, O IMPERADOR TEODÓSIO MODIFICOU ESSE EDITO, E PASSOU PUNIR COM FOGUEIRA TAIS PRÁTICAS PASSIVAS. // O IMPERADOR JUSTINIANO, / EM 533, / VAI ALÉM: TODOS OS ATOS SEXUAIS, PASSIVOS OU ATIVOS, ENTRE HOMENS DEVERIAM SER PUNIDOS COM A MORTE. //</p>
<p>PASSAGEM</p>	<p>[ALLAN4] COM O AVANÇO DA CIÊNCIA, ENTRAMOS NUMA NOVA ERA PARA AS PESSOAS QUE SE RELACIONAM COM ALGUÉM DO MESMO SEXO: AGORA, ALÉM DE UM CRIME, ESSAS PESSOAS REPRESENTAM UM TIPO DE PATOLOGIA. //</p>
<p>SONORA FELIPE DE BEURÉ, PSICÓLOGO CLÍNICO + IMAGENS DE SÉRIE RATCHED DA NETFLIX</p>	<p>[FELIPE] NESSE CURSO, DESSE PERÍODO, HÁ UM DESLOCAMENTO DO ENTENDIMENTO DAS PRÁTICAS SEXUAIS ENTRE PESSOAS DO MESMO SEXO, QUE ERAM ENTÃO CONSIDERADAS CRIME, SODOMIA, PARA SEREM PATOLOGIZADAS, PARA SEREM INSCRITAS DENTRO DO HALL DE DOENÇAS DA PSIQUIATRIA. [...] CRIOU-SE TAMBÉM A IDENTIDADE HOMOSSEXUAL. PORQUE ANTES ISSO NÃO ERA UMA IDENTIDADE E SIM UMA PRÁTICA. [...] É IMPORTANTE A GENTE SALIENTAR QUE NÃO É</p>

<p>IMAGENS DO AUTOR E DAS AUTORAS</p>	<p>PORQUE HOUVE ESSE DESLOCAMENTO PRO REGIME PSIQUIÁTRICO, PRA PATOLOGIZAÇÃO DAS HOMOSSEXUALIDADES, QUE OS SUJEITOS, CONSIDERADOS AGORA COMO HOMOSSEXUAIS, NÃO DEIXARAM DE SOFRER SANÇÕES DAS MAIS DIVERSAS.</p> <p>[OFF]] GRAÇAS A PUBLICAÇÕES DE AUTORES COMO FREUD, / SIMONE DE BEAUVOIR E MARGARETH MEAD, / FOI POSSÍVEL INICIAR A MUDANÇA DESSES PENSAMENTOS E COMPREENDER MAIS SOBRE SEXO, / SEXUALIDADE E GÊNERO COMO PRODUTOS CULTURAIS. //</p>
<p>IMAGEM DO LIVRO DE FREUD</p>	<p>[OFF9] PARA FREUD, / EM TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE, / DE 1905, / A NATUREZA HUMANA É ESSENCIALMENTE BISSEXUAL. //</p>
<p>SONORA FELIPE DE BEURÉ</p>	<p>[FELIPE] A BISSEXUALIDADE QUE O FREUD APRESENTA NESTA OBRA É O SEGUINTE: ELE FALA QUE AS PESSOAS NASCEM BISSEXUAIS, OU SEJA, NÃO HÁ UM DETERMINANTE QUE VÁ DIZER QUE A PESSOA NASÇA COMO HOMOSSEXUAL OU HETEROSSEXUAL. DENTRO DELE, HÁ POTENCIALIDADE PRA SER TANTO UM, QUANTO OUTRO.</p>
<p>IMAGENS DE PROTESTOS NOS EUA NA DÉCADA DE 60 E 70</p>	<p>[ALLAN6] COM O PASSAR DO SÉCULO XX, / GRUPOS ESTADUNIDENSES QUE BUSCAVAM A LIBERTAÇÃO SEXUAL DAS PESSOAS, FORAM SE FORTALECENDO E DEMANDAS SURGINDO, / ENTRE ELAS A RETIRADA DO ATÉ ENTÃO CHAMADO</p>

<p>SONORA FELIPE DE BAÉRE, PSICÓLOGO CLÍNICO + IMAGENS DE PROTESTOS NOS EUA + IMAGENS DO GRUPO GAY DA BAHIA</p>	<p>HOMOSSEXUALISMO DOS MANUAIS DE DOENÇA PSIQUIATRICAS AO REDOR DO MUNDO. //</p> <p>[FELIPE] NO ENTENDIMENTO DE QUE A PATOLOGIZAÇÃO DAS HOMOSSEXUALIDADES ERA UM DOS MAIORES PROBLEMAS NA ESTIGMATIZAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE, ELES COMEÇARAM A SE ORGANIZAR E A INVANDIR CONGRESSOS DE PSIQUIATRIA PLEITEANDO A DESPATOLOGIZAÇÃO DAS HOMOSSEXUALIDADES. E ESSA REITERADA MANIFESTAÇÃO, TEVE ÊXITO. [...] NO BRASIL, ISSO ACONTECEU POSTERIORMENTE. [...] FOI O GRUPO GAY DA BAHIA [...] QUE COMEÇOU A FAZER IGUAL O OCORREU NOS ESTADOS UNIDOS: A PLEITEAR A DESPATOLOGIZAÇÃO, A IR EM CONGRESSOS DE PSIQUIATRIA JUNTO AO MINISTÉRIO. [...]E CONSEGUIU QUE HOUVESSE A RETIRADA EM 1985 DA HOMOSSEXUALIDADE, QUE ERA COLOCADA ENTÃO COMO HOMOSSEXUALISMO, DO MANUAL DE CLASSIFICAÇÃO DE DOENÇA DO INAMPS.</p>
<p>INÍCIO COLETIVA JAIR BOLSONARO</p>	<p>[OFF10] MESMO NESSE CENÁRIO DE AVANÇO, / A HOMOFOBIA, / AGORA DE FORMA DIFERENTE, / AINDA ACONTECE. // EM VINTE DE DEZEMBRO DE DOIS MIL E DEZENOVE, / O PRESIDENTE DA REPÚBLICA JAIR BOLSONARO, AO SER QUESTIONADO POR UM REPÓRTER O QUE FARIA SE O FILHO FLÁVIO BOLSONARO TIVESSE COMETIDO ALGUM DESLIZE, / DEU A SEGUINTE RESPOSTA: //</p>

<p>VÍDEO BOLSONARO</p> <p>INÍCIO DO VÍDEO DO TARCIS FALANDO COM O PÚBLICO E LENDO COMENTÁRIOS NO TABLET</p> <p>IMAGENS TV PARANAÍBA DO TARCIS RESPONDENDO COMENTÁRIO HOMOFÓBICO</p>	<p>[BOLSONARO] VOCÊ TEM UMA CARA DE HOMOSSEXUAL TERRÍVEL, NEM POR ISSO EU TE ACUSO DE SER HOMOSSEXUAL.</p> <p>[OFF11] OUTRO EPISÓDIO DE HOMOFOBIA NO AMBIENTE DE TRABALHO JORNALÍSTICO ACONTECEU COM O APRESENTADOR TARCIS DUARTE, / TAMBÉM EM DOIS MIL E DEZENOVE. // ENQUANTO APRESENTAVA O JORNAL CIDADE ALERTA, TARCIS LIA COMENTÁRIOS NA LIVE EM UMA REDE SOCIAL, E SE DEPAROU COM UM COMENTÁRIO ACERCA DA SUA SEXUALIDADE. //</p> <p>[TARCIS] OLHA AQUI JOSÉ NETO DIZ ‘TIRA ESSE...’ NÃO... NEM ACREDITO QUE EU TÔ LENDO ISSO, EU VOU ATÉ... EU VOU ATÉ PRINTAR A TELA AQUI, EU VOU FAZER UMA CAPTURA DA TELA PRA EU PODER TER PROVAS DEPOIS. AH, O COVARDE APAGOU O COMENTÁRIO. SENHOR JOSÉ NETO, APAGOU O COMENTÁRIO MAS EU TENHO CERTEZA QUE O SENHOR AINDA DEVE ESTAR ASSISTINDO, VOU DIZER UMA COISA PRO SENHOR: EU, PESSOALMENTE, TARCIS DUARTE, FAÇO QUESTÃO DE PROCESSAR O SENHOR PELO QUE O SENHOR COMENTOU AQUI. FAÇO QUESTÃO. SABE POR QUÊ? ISSO QUE O SENHOR COMENTOU AQUI NÃO ME OFENDE DE MANEIRA ALGUMA, NÃO ME TIRA O SONO, MAS EU TENHO A OBRIGAÇÃO DE FAZER ISSO COMO CIDADÃO, SABE POR QUÊ? PORQUE O NOSSO PAÍS DEMOROU TANTO TEMPO, MAIS TANTO TEMPO, TANTOS ANOS PRA TER COERÊNCIA JURÍDICA A PONTO DE, HOJE,</p>
---	--

	<p>CONSIDERAR PESSOAS HOMOFÓBICAS COMO O SENHOR COMO CRIMINOSOS. EU FAÇO QUESTÃO DE JUNTAR O MAIOR NÚMERO DE INFORMAÇÕES POSSÍVEIS PRA ESTAR COM O SENHOR NUM TRIBUNAL PORQUE HOJE A GENTE PODE DIZER SIM QUE O SENHOR É UM CRIMINOSO.</p>
SONORA TARCIS	<p>[TARCIS] AQUILO ME PEGOU CLARO DE SURPRESA, FOI A PRIMEIRA VEZ QUE ALGO ACONTECEU COMIGO NESSE SENTIDO E ME TIROU DO SÉRIO ALI, MAS EU FIQUEI MUITO FELIZ DEPOIS DE TER CONSEGUIDO NÃO FICAR INERTE.</p>
PRINTS DE NOTÍCIAS FALANDO DO CASO	<p>[OFF12] O CASO GANHOU REPERCUSSÃO NACIONAL E EXPÔS COMO A SEXUALIDADE DO JORNALISTA AINDA PODE SER USADA DE FORMA PEJORATIVA EM ATAQUES. //</p>
SONORA TARCIS	<p>[TARCIS] NO QUE EU TERMINEI E JÁ TROQUEI DE CÂMERA E CHAMEI A PROXIMA REPORTAGEM, TODOS OS MEUS CHEFES JÁ ESTAVAM DENTRO DO ESTÚDIO, JÁ CORRERAM, PEGARAM O TABLET DA MINHA MÃO, ENTREGARAM PRA EQUIPE TÉCNICA PRA PODER TENTAR RASTREAR, PRA PUXAR AS INFORMAÇÕES ALI. DERAM MAIOR SUPORTE. [...] ENTÃO... EU ACHO QUE EU TAVA CUMPRINDO UM PAPEL SOCIAL TAMBÉM, DE RESPONDER AQUELE COMENTÁRIO, E NÃO ME ARREPENDO.</p>
PASSAGEM	<p>[ALLAN7] EM EPISÓDIOS COMO ESSES,/ ESPECIALMENTE ENVOLVENDO A MAIOR AUTORIDADE POLÍTICA DO</p>

	<p>PAÍS,/ A IDÉIA DE QUE SER HOMOSSEXUAL É UM CRIME É REFORÇADA.// A PERGUNTA QUE FICA É: QUAL O IMPACTO DE UMA FALA COMO ESSA NO PÚBLICO QUE ACOMPANHA UM JORNAL DA SUA CASA? //</p>
<p>SONORA ELISEU, PSICÓLOGO</p>	<p>[ELISEU] O TELESPECTADOR TEM PRECONCEITO. “AH, NÃO, FULANO DE TAL É LINDO, MAS ELE É GAY”. COMO SE ELE SER HÉTERO FOSSE MUDAR ALGUMA COISA.</p>
<p>SONORA JULIA, EDITORA</p>	<p>[JULIA] TEM A CLASSE QUE LIDA COM O PÚBLICO E TEM A CLASSE QUE FICA POR TRÁS DAS CÂMERAS. A CLASSE QUE FICA POR TRÁS DAS CÂMERAS, PODE SER O QUE QUISER. [...] ACHO QUE A PRESSÃO SOBRE QUEM TÁ DO LADO DE LÁ DA CÂMERA É MAIOR, PRA SE ENCAIXAR.</p>
<p>SONORA MATHEUS, APRESENTADOR E EDITOR- CHEFE</p>	<p>[MATHEUS] POSSO DIZER TRANQUILAMENTE, É PROVÁVEL QUE EU TENHA... CONQUISTADO ALGUMAS COISAS PORQUE, EM DETERMINADOS MOMENTOS, EU ME ABSTIVE DE VIVER A MINHA VIDA PESSOAL E A MINHA SEXUALIDADE.</p>
<p>SONORA BEN-HUR, REPÓRTER</p>	<p>[BEN-HUR]: O PÚBLICO TÁ COMEÇANDO A ENTENDER QUE A NOSSA <u>SEXUALIDADE</u> NÃO DIZ RESPEITO À NOSSA COMPETÊNCIA DE TRABALHO.</p>
<p>PASSAGEM</p>	<p>[ALLAN8] ABRINDO UM POUCO MAIS O ESPECTRO DA COMUNIDADE E PASSANDO A ABORDAR GÊNERO,/ QUANTAS PESSOAS TRANSSEXUAIS,/ TRANSGÊNEROS OU TRAVESTIS VOCÊ JÁ VIU NA APRESENTAÇÃO OU</p>

SONORA ALANA, REPÓRTER	<p>REPORTAGEM DE ALGUM JORNAL DE TELEVISÃO? //</p> <p>[ALANA]: TELEVISÕES ACHAREM QUE NOSSO ESTERÍOTIPO SÓ SE ENCAIXA, SÓ SERVE PRO ENTRETENIMENTO, NÃO SERVE PRO JORNALISMO.</p>
SONORA LISA, REPÓRTER	<p>[LISA]: QUANDO COMECEI NA REDETV!, EU COMECEI COMO DRAG QUEEN, E AÍ O MEU ANTIGO DIRETOR QUE ERA O FÁBIO MARTINHO, ELE CHEGOU ‘A GENTE QUER UMA REPÓRTER TRANS, A GENTE QUER UMA REPÓRTER MULHER TRANS E A GENTE QUER QUE VOCÊ SEJA ESSA MULHER’, QUE É O QUE VOCÊ É NO DIA-A-DIA. E FOI ASSIM QUE COMEÇOU MEU TRABALHO.</p>
IMAGEM + VÍDEO DA ALANA NA TV ARATU	<p>[OFF13] ALANA TRABALHOU NA TV ARATU, / FILIADA DO SBT NA BAHIA, / ENTRE 2017 E 2018. PARA ELA, / SUA PASSAGEM PELA TV DESPERTARIA MAIS ATENÇÃO PARA A PRESENÇA TRANS NESSE AMBIENTE. //</p>
SONORA ALANA, REPÓRTER	<p>[ALANA]: EU ACREDITAVA, NÃO SÓ PRA MIM, COMO PRA OUTRAS PESSOAS TRANS, QUE QUANDO EU FIZESSE ESSA PASSAGEM PELA TV, ISSO SURTIRIA UM EFEITO.</p>
SONORA LISA	<p>[LISA]: AINDA EXISTE MUITO PRECONCEITO, AINDA EXISTE SIM. [...] NO CAMPO REALMENTE PROFISSIONAL A GENTE TEM QUE SER DIFERENTE, PORQUE, INFELIZMENTE, NOS OLHAM DIFERENTE.</p>
PASSAGEM	<p>[ALLAN9] NÃO É PRECISO SE ATER A PESQUISAS PARA PERCEBER QUE PESSOAS TRANS</p>

<p>SONORA REINALDO, CONSULTOR DE DIVERSIDADE</p>	<p>ESTÃO A MARGEM DO AMBIENTE DE TRABALHO PROFISSIONAL, BASTA OLHAR NO COTIDIANO E NOTAR ESSA AUSÊNCIA. // MAS, ALÉM DA CONTRATAÇÃO, É NECESSÁRIO FALAR SOBRE A CARREIRA DENTRO DE UMA EMPRESA. //</p> <p>[REINALDO] VOCÊ INCLUIR NA CONVERSA DE EMPREGABILIDADE, A CONVERSA DE CARREIRA. CADÊ ESSAS PESSOAS? COMO É QUE ESTÃO NAS EMPRESAS? [...] E RECONHEÇA QUE TEM GENTE AI COM MUITA ESCOLARIDADE, MUITA QUALIFICAÇÃO E COM ESSES TEMPOS DE EXPERIÊNCIA DENTRO DA EMPRESA, AI VOCÊ ACRESCENTA MAIS UM ELEMENTO QUE NÃO É SÓ A ESCOLARIDADE, É A EXPERIÊNCIA.</p>
<p>SONORA LISA, REPÓRTER</p>	<p>[LISA]: PRA QUE VENHA ESSA MODIFICAÇÃO, É PRECISO QUE OS DIRETORES DAS EMPRESAS METAM A CARA E FALEM ‘AQUI A GENTE QUER SIM TRANSSEXUAL E VOCÊ VAI SER MUITO BEM RESPEITADA’.</p>
<p>SONORA ALANA, REPÓRTER</p>	<p>[ALANA]: ENTÃO, EU ACHO QUE ESSE É O PRINCIPAL PAPEL DE NOSSA COLOCAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO, NÃO SÓ NA TELEVISÃO, EM QUALQUER AMBIENTE, É MOSTRAR, É SER UM NORTE, É SER UM EXEMPLO PARA QUE OUTRAS SIGAM E SE ESTIMULEM.</p>
<p>PASSAGEM</p>	<p>[ALLAN10] AFINAL DE CONTAS, / SE A COMPETÊNCIA DO JORNALISTA NÃO ESTÁ LIGADA A SUA SEXUALIDADE E GÊNERO, / QUAL A</p>

SONORA BEN-HUR, REPÓRTER	<p>IMPORTÂNCIA DE SE TER UMA PESSOA LGBTQIA+ NA TV? //</p> <p>[BEN-HUR]: É IDENTIFICAÇÃO, É UM ESTALO, É O QUE VOCÊ OLHA E DIZ ASSIM ‘OLHA, EU ENTENDO QUE AQUELA PESSOA É PARECIDA COMIGO OU É IGUAL A MIM, E A SEXUALIDADE DELE NÃO AFETA EM NADA O TRABALHO DELE, A COMPETÊNCIA DELE, O SUCESSO DELE’.</p>
SONORA ALANA, REPÓRTER	<p>[ALANA] ENTÃO NOSSA PRESENÇA, DE PESSOAS TRANS, NESSE NICHÔ É MUITO IMPORTANTE PORQUE VAI ABRIR PRECEDENTE PARA OUTRAS, EM OUTRAS ÁREAS PROFISSIONAIS OU NA COMUNICAÇÃO, NO JORNALISMO. PORQUE SE A ALANA HOJE TÁ CONTRATADA NUMA EMISSORA NA TV, OUTRA TRANS VAI ESTAR LÁ ASSISTINDO, ESSA TRANS VAI DIZER ‘POXA, OLHA, ELA É TRANS, ELA TÁ NA TV GLOBO, ELA TÁ NA BANCADA DO JORNAL NACIONAL, SE ELA CONSEGUIU, EU TAMBÉM VOU CONSEGUIR’.</p>
SONORA CARINA, REPÓRTER	<p>[CARINA] E AÍ, POR EXEMPLO, QUANDO A FERNANDA GENTIL CHEGOU E CHEGOU APRESENTANDO DE TÊNIS, CALÇA JEANS, FOTO COM BLUSA DE TIME DE FUTEBOL, EU NA ÉPOCA FIQUEI ENCANTADA PORQUE FOI ‘MEU DEUS, UMA MULHER IGUAL A MIM’, EU ME SENTI REPRESENTADA ALI. [...] NOSSA EU PENSAVA ‘EU QUERO SER QUE NEM ELA UM DIA’.</p>
SONORA LISA, REPÓRTER	<p>[LISA]: É IMPORTANTE PORQUE UMA PUXA A OUTRA, UMA VAI</p>

<p>SONORA JULIA, EDITORA</p>	<p>PUXANDO A OUTRA. ‘AH, AQUELA TÁ LÁ’ E A GENTE VAI PUXANDO.</p> <p>[JULIA] VOCÊ NEM SABE A IMPORTÂNCIA QUE TEM ATÉ QUE VOCÊ SE VÊ REPRESENTADA EM ALGUÉM. [...] PORQUE É AQUILO DE VOCÊ SE SENTIR REPRESENTADO MESMO, NA ACEPÇÃO MAIS PURA, VOCÊ SE PROJETA NAQUELA CARREIRA DE SUCESSO.</p>
<p>VÍDEO DA BANDEIRA LGBTQIA+ + ABERTURA BOM DIA RIO + VÍDEO ERICK + IMAGENS PEDRO E ERICK</p>	<p>[OFF15] NO MEIO DE TANTOS CASOS DE PRECONCEITO, / UMA SITUAÇÃO DE LIBERDADE CHAMOU A ATENÇÃO DOS TELESPECTADORES. / DURANTE A TRANSMISSÃO DO BOM DIA RIO NO DIA DOS NAMORADOS DESTE ANO, / O REPÓRTER ERICK RIANELLI FEZ UMA DECLARAÇÃO AO VIVO PARA SEU MARIDO, / O COLEGA DE EMISSORA E TAMBÉM REPÓRTER, / PEDRO FIGUEIREDO. //</p>
<p>VÍDEO DA TV GLOBO COM O REPÓRTER ERICK SE DECLARANDO</p>	<p>[ERICK] PESSOAL, TENHO QUE MANDAR UM RECADO. O PEDRO ESTÁ ASSISTINDO À GENTE, EU JÁ FALEI COM ELE. PEDRO FIGUEIREDO, NOSSO COLEGA, REPÓRTER, MEU AMOR, MEU MARIDO. EU TE AMO. FELIZ DIA DOS NAMORADOS PRA GENTE E PARA TODOS OS CASAIS APAIXONADOS QUE ESTÃO NOS ASSISTINDO. QUE TODO MUNDO TENHA UM DIA DOS NAMORADOS MARAVILHOSO. EU VOU COMEMORAR O MEU EM CASA RAPIDINHO QUE AMANHÃ TEM PLANTÃO CEDO. AGORA PEDRO, VÊ SE FAZ O JANTAR AÍ, NÉ, AMOR? ME DÁ ESSA FORÇA AÍ! VOU PREPARAR UMA SURPRESA ÓTIMA PRA</p>

<p>PASSAGEM</p>	<p>ELE. UM BEIJO, GENTE. FELIZ DIA DOS NAMORADOS.</p> <p>[ALLAN11] UMA DECLARAÇÃO TÃO RÁPIDA E SIMPLES, / MAS QUE FEZ HISTÓRIA, / NOS DEIXOU A SEGUINTE PERGUNTA: COMO ALCANÇAR A TÃO DESEJADA MUDANÇA? //</p>
<p>SONORA BEN-HUR, REPÓRTER</p>	<p>[BEN-HUR] MOSTRAR ISSO PRAS PESSOAS, QUE É ALGO COMPLETAMENTE NATURAL, E QUE NÃO É IMPECILHO, MARCAR POSIÇÃO MESMO DENTRO DA EMPRESA.</p>
<p>SONORA ANAJU, ESTUDANTE</p>	<p>[ANAJU]: PRECISA COMEÇAR A PARTIR DO RH. PRECISA TER UMA DIRETRIZ MAIOR DENTRO DA EMPRESA, DA INSTITUIÇÃO [...] É IMPORTANTE QUE ESSAS PESSOAS ESTEJAM NO CORPO DE SELEÇÃO, SEJAM INCLUÍDAS.</p>
<p>SONORA TARCIS, APRESENTADOR E REPÓRTER</p>	<p>[TARCIS] É DEMANDAR E COBRAR, EU DIGO ISSO DAS OUTRAS PESSOAS, PRO PÚBLICO EM GERAL. AGORA NÓS, ENQUANTO PROFISSIONAIS DA ÁREA, É TER A CONSCIÊNCIA DE CRIAR ALI DENTRO DO NOSSO AMBIENTE, UM ETHOS QUE SEJA O MAIS INCLUSIVO POSSÍVEL.</p>
<p>PASSAGEM</p>	<p>[ALLAN12] DEPOIS DE SÉCULOS DE DISCRIMINAÇÃO, / PERSEGUIÇÃO, / PUNIÇÃO E RESTRIÇÃO DA LIBERDADE, / NÓS, / LGBTQIA+, / FINALMENTE ALCANÇAMOS E PODEMOS SER QUEM SOMOS, / EM TODOS OS AMBIENTES POSSÍVEIS, / INCLUSIVE NO TRABALHO. / SABEMOS QUE O CAMINHO FOI UMA GRANDE TEMPESTADE, / MAS O FUTURO, COM TODA CERTEZA, / É UM ARCO-ÍRIS.//</p>

SONORA BEN-HUR, REPÓRTER	[BEN-HUR]: EU VEJO UM FUTURO OTIMISTA, UM FUTURO ONDE A GENTE NÃO PRECISE OU NÃO PENSE QUE A GENTE TEM QUE ESCONDER A NOSSA SEXUALIDADE, NEM OS NOSSOS RELACIONAMENTOS PRA TER UMA PROMOÇÃO NO TRABALHO OU UMA CARREIRA MAIS LONGEVA.
SONORA LISA, REPÓRTER	[LISA]: NO JORNALISMO AINDA VAI DEMORAR UM POUQUINHO, MAS EU TENHO MUITA FÉ QUE MUITA COISA VAI MUDAR.
SONORA ALANA, REPÓRTER	[ALANA] PORQUE NÃO UMA MULHER TRANS NO JORNALISMO? PORQUE NÃO UMA MULHER TRANS NA BANCADA DO JORNAL NACIONAL OU UMA MULHER TRANS APRESENTANDO UM TELEJORNAL LOCAL? ISSO SERIA ESPLENDOROSO.
SONORA TARCIS, APRESENTADOR E REPÓRTER	[TARCIS] O QUE EU ESPERO, É BEM DIFERENTE DO FUTURO QUE EU ACHO QUE VAI ACONTECER EM... PEQUENO PRAZO. PORQUE EU ACHO QUE A LONGO PRAZO PODE SER QUE A GENTE CONQUISTE MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS. MAS EU NÃO VEJO DISPOSIÇÃO OU TENDÊNCIA PARA QUE ISSO ACONTEÇA A CURTO PRAZO.
SONORA CARINA, REPÓRTER	[CARINA] VEJO UM FUTURO MUITO MAIS COLORIDO, ONDE OS APRESENTADORES NÃO PRECISEM TER MEDO DE DIZER COM QUEM ELES ESTÃO, SE ELES SÃO CASADOS COM HOMEM OU COM UMA MULHER. UM FUTURO, NA VERDADE, ONDE ISSO NÃO INTERESSE, ONDE O QUE INTERESSE MESMO

<p>SONORA MATHEUS, APRESENTADOR E EDITOR- CHEFE + VÍDEO DOIS HOMENS DANDO AS MÃOS NA FRENTE DE UMA BANDEIRA LGBTQIA+</p> <p>[FICHA TÉCNICA]</p>	<p>SEJA A COMPETÊNCIA DA PESSOA QUE ESTÁ ALI.</p> <p>[MATHEUS] QUEM TRABALHA COM TELEJORNALISMO, SE ENCAIXOU EM PADRÕES, SE ENCAIXOU EM CAIXAS DE SAPATO E ESSAS CAIXAS JÁ NÃO FAZEM MAIS SENTIDO. A GENTE NÃO PRECISA VIVER UM PERSONAGEM. [...] EU FIZ ESSA ESCOLHA E NÃO ME ARREPENDO. ACHO QUE LIBERDADE É ALGO QUE NÃO TEM PREÇO. E MESMO SE TIVESSE, VALERIA A PENA PAGAR.</p> <p>[FICHA TÉCNICA]</p>
---	---

## 9 – ANEXO: MENSAGEM ENVIADA ÀS EMISSORAS

“Bom dia, tudo bem?”

Meu nome é Allan, sou estudante de Jornalismo na Universidade de Brasília (UnB), queria te fazer um convite.

Estou produzindo meu TCC em que o tema é mercado de trabalho no jornalismo de televisão para pessoas LGBTQIA+; basicamente quero entender como o mercado nesta área funciona quando se é uma pessoa LGBTQIA+ e para isso estou colhendo relatos de quem já está no mercado.

Em outro viés, mas ainda dentro desse universo, estou tentando conversar com recrutadores/chefes de redação de grandes emissoras para tentar entender como é esse lado numa seleção. Existem políticas empresariais voltadas para estas pessoas? Dentro da empresa, existe algum fator que estimule a permanência e/ou ascensão destas pessoas?

Afinal, tudo começa com quem recruta e por isso estou te procurando. Sendo assim, queria te convidar para dar seu relato no meu TCC, em uma entrevista em vídeo, via Zoom.

Torço para que veja este e-mail – e aceite participar.

Obrigado pela sua atenção.

Aguardo seu retorno.

Att,

Allan Montalvão”.

## **10 – APÊNDICE C: LINK PARA A REPORTAGEM**

A reportagem está disponível para visualização no seguinte link:  
<https://youtu.be/lSepBkANrKI>